

Talvez porque as tão decantadas mazelas locais – calor, mosquitos, lonjura – percam toda sua expressão diante dos feitiços pantaneiros, que sorrateiramente vão-nos invadindo a alma, quando miramos um pôr-do-sol sobre a planície vasta onde corre o Paraguai; ou quando o aroma dos churrascos nas fazendas, embalados pelo canto de polcas, nos inebria e convida a uma como que comunhão com a gente local; ou quando nossos sentidos são sensibilizados pelas imagens e sons do Pantanal, produzidos pelos milhares de animais de terra, água e ar, convivendo harmonicamente em seu santuário ecológico.

E principalmente quando todo esse espetáculo é presenciado de bordo dos navios da Flotilha de Mato Grosso, ou em terra, enquanto a tropa de Fuzileiros Navais evolui no Pantanal, é que sentimos o quanto vale não apenas aqui residir, mas, principalmente, aqui servir à Marinha do Brasil – presença marcante, de mais de um século e meio no centro-oeste, forjando homens para a Pátria, no mesmo cenário onde nossos heróis mais cultuados cumpriram seu dever até o sacrifício.

Assim procurei descrever este longínquo Ladário – e não, como intitulei o artigo, “as quatro vezes em que servi em Ladário...”

Permanece, todavia, uma certa dúvida quanto a ter atingido o efeito desejado, eis que, no dizer de ELBERT HUBBARD...

“... os escritores raramente escrevem o que pensam: limitam-se a escrever o que pensam que os outros pensam que eles pensam!”.

## UMA ESTRANHA NO AREÃO

por Octayde Jorge da Silva

Tenho a impressão de que li. Mais ainda: de que até recebi um convite. Um telegrama. Não foi somente o jornal... que me chamou a atenção.

Era a inauguração de uma *creche!*... Ou de um *centro comunitário*. Se não me engano... no *Areão*.

A essa época... trinta dias antes das eleições ... eram tantas as inaugurações algumas até "*debutando*" pela segunda vez – como muitos foram os convidados. Assim... recebi um convite, como recebi para todos os *cortes-de-fita*, que se fizeram nesse período. E quantos !

Contudo, este de que estou a tratar, me deixou assustado. Nunca vi cousa tão *fora de prumo*... tão de *viés*. Sem dúvida, um *espanto*. *Olga Prestes*... quem diria... foi parar no *Areão*!

O ato agredia. Pior que isso: marcava uma presença insólita. Mas... *não veio protesto*. Ninguém contestou. Já não se fazem mais *clãs* como antigamente. Nem os ecologistas protestaram. Eles que são tão ciosos da poluição do meio ambiente!... ficaram calados os que cuidam das raízes as tão solicitadas origens... Poluição psico-social. Da história. Afronta à cultura de um povo. Mas, ultimamente – espero que esteja equivocado na minha observação – tenho achado que os ecologistas nossos... mais perturbam do que educam. E nem todos entendem do que pretendem ensinar. Nem praticam.

Porque sem dúvida, foi um *tapa na cara*. Ir buscar na Alemanha de cinco décadas atrás, um nome para ser creche no *Areão*!... E mais – tão pouco tempo estive no Brasil... onde só fez agitar e intraquilizar a nossa tão imperturbável hospitalidade.

Mas... é assim. A tão zelosa *cuiabania* não se sentiu ferida nos seus brios. Os nossos *foros* estão muito voltados para a condescendência. O *ético*, o *moral*, não contam muito. O que vale é o *conveniente*. Se a *cuiabania* leu, fez-se de quem não viu. Se observou, fez-se de desatenta. Calou-se.

.....

Todavia, os mortos se indignaram ante o insulto. Sei disso.

Foi assim que vi a *Hermínia*, mulata desenvolta, cor de azeitona, mulher de meia idade, transpirando a saúde, braços roliços de tanto *esfregar roupa*, pulsos abertos de *puxar e baldear* água do poço!... *Hermínia*, cabelos já embranquecendo por baixo da *pituca*, uma espécie de dona do *Areão*. Pena que esteja morta!... Mas sei que ela não gostou.

Passava altiva, nos domingos, de tardezinha, rumo de casa, no seu *costume branco*, zelado como se pergaminho fosse. *Hermínia*... eu

a ouvia gritar... ela, o Gérson, bem junto ao outeiro do Rosário... contra tamanha blasfêmia histórica: *Olga Prestes no Areão*.

Vivesse ela ainda, nas suas décadas de ouro... os anos 30, 40 e 50... e tamanho insulto não seria consumado. Mesmo com os dedos sofredos de esfregar *os pareios brancos*, braços a sentir a visita do reumatismo, na *engomação a muque*, fazendo estalar o ferro em brasa, no farelo da *vela estearina*, para dar brilho e forma na quina do *linho 120*, Hermínia teria protestado, da janela de sua morada, que ficava no trecho mais alto da antiga *rua do Areão*, antes que nela desembocasse a *rua Caridade* e viesse a tomar o rumo do *Coxipó*.

Hermínia deve ter tremido no túmulo. Com ela o Gérson... e tantos mais. Ora veja, quem diria: *Olga Prestes no Areão!*...

Curioso até onde vai o arbítrio. Impingir à comunidade um nome... que, se é admirado no país, o é por poucos e só por um grupo pequeno, uma esquerda retrógrada, maquiavélica e ideologicamente mentirosa.

Será que lustra ou ilustra o Areão, o nome de Olga Benário Prestes, com tanta gente em Cuiabá, que aqui nasceu ou aqui está em trabalho constante, diuturno, em prol da comunidade, crescendo, sofrendo, chorando e cantando com os seus sabiás e as suas palmeiras, seus mangueirais frondosos e os cajueiros carregados como se fossem agrestes e esparramadas árvores de natal?...

Sem dúvida, o batismo da creche, naquela antiga rua poeirenta, chão de areia, barro avermelhado, quando chovia, sinuosa e escaldante nas tardes de agosto – foi um *desrespeito cívico e urbano*, foi de uma *insensatez política* a toda prova. Afinal... o apetite ideológico de um... ou de um grupo... não pode ser saciado numa homenagem cívica, onde o povo recebe como nome a ser reverenciado, quem nunca viu, nem nunca desejou, e que daqui não tinha nem o vislumbre da existência.

Que relacionamento afetivo, cívico ou político, social, cultural ou histórico, guardam Cuiabá, o Areão e Olga Benário Prestes?... Que serviços prestou ela a Cuiabá?... que trabalhos deixou para os cuiabanos do Areão admirarem o seu perfil sócio-comunitário? A vontade de um... é mais forte que a de meio milhão?...

Não se pode, assim, impunemente, descaracterizar a fisionomia cultural de um bairro ou reformular à força, o seu perfil histórico, apenas para a satisfação de desejos íntimos, que, *até ideologicamente* podem ser contestados !...

A cidade não é de *um*. Ou de *um pequeno grupo*. A cidade é a sua imensa maioria. Já foi afrontada, há menos de seis meses com o nome de um dentista chileno, só porque era de esquerda, no batismo de uma Escola, no bairro Dom Aquino. O "Príncipe" deve estar amargurado. Dom Aquino acolhendo Salvador Allende !...

E onde fica a *Diva Hungueney* e a Jaira Cuiabano... as Fortunatos, a Almira... as irmãs Saliés e a Hermínia Torquato, a Marina Brandão e a Maria Catarina de Figueiredo? Não há escolas para os seus nomes?

No entanto sobrou honraria para Salvador Allende !...

E a Gracildes ?... tão esposa ... tão mãe ... tão educadora ... numa batalha sem esmorecimento e anônima, há tanto tempo !... Fazendo a cabeça *sadiamente*, de tantas e muitas gerações !... Não poderá ser ela o nome da Creche ?... Por que Olga Prestes ?... A Gracildes está aqui há mais de 50 anos. E *trabalhando*. E a Prestes ?... Há quantos anos, e que serviços prestou ?...

Ofendido, como toda a *Cuiabania*, deve estar o *participativo* povo do Areão, que, certamente, não foi consultado !...

A mim me pareceu um duplo desaforo. Ou melhor, uma afronta e uma provocação.

Sim ... porque em que pese a *persuasiva doutrinação das esquerdas*, tentando educar o povo brasileiro contra a memória de Filinto Müller, quem entregou Olga Prestes à Gestapo, não foi ele !... Só o raciocínio de um rinoceronte, poderia aceitar que, numa ditadura como a de Getúlio Vargas um Capitão Chefe de Polícia, expulsaria Olga Prestes, do Brasil, entregá-la-ia a Hitler, sem o consentimento ou à revelia do ditador !...

Quem assinou o decreto de expulsão de Olga Berger, ou

Maria Prestes, ou outros muitos nomes de que ela se servia, foi o próprio Getúlio Vargas, por indesejável e nociva aos interesses nacionais. Foi dele, Getúlio, a ordem para que Olga Prestes fosse deportada e entregue à Gestapo, com providência de embarque num navio alemão... mas com nome espanhol (Lã Corunã) – ancorado em porto brasileiro.

Entende-se por que as esquerdas culpam Filinto. Afinal, depois, Prestes aliou-se a Getúlio, em memorável comício, no Pacaembu, em São Paulo, em 1945. A política em muitos homens que só vivem dela, sempre esteve acima da verdade ... e dos próprios sentimentos humanos.

O que não se estende é a provocação descabida que se fez, às *barbas de todo mundo*, com a entronização do nome de Olga Prestes, em Cuiabá, num bairro como o *Areão* !...

Também não se explica por que motivos os que tinham por muitas e inarredáveis razões, o dever do protesto ... calaram-se. Ouviram a provocação... à queima roupa. E aceitaram.

Será que os sentimentos já estão, nesta geração, tão adormecidos ou relegados ... a este ponto ?...

Homenagens apropriadas e sensibilizadoras são as que foram prestadas a um *Faria Vinagre* ... a um *Clóvis Pitaluga de Moura*. E há outros nomes ainda por reverenciar. E muitos.

Chegada é a hora de corrigir os enganos ... ou apagar as malícias. A casa está cheia de gente ilustre. Basta querer conhecer-lhes os nomes. E apontá-los como exemplos à comunidade cuiabana. Olga Prestes, no *Areão*, é pura provocação !...



## OS BODSTEIN

Wilson Oacyl Bodstein

Com a destruição de Jerusalém, no ano 70 da nossa era, ocorreu a Grande Diáspora: os judeus foram dispersados por todos os países. Na Idade Média, nos séculos VI a XI, a maioria do povo judeu resi-